

## **PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA EM CONSONÂNCIA COM OS RECURSOS DA EDUCAÇÃO TERAPEÚTICA**

Este resumo tem como objetivo apontar práticas da Tecnologia Assistiva na modalidade Comunicação Alternativa tendo como suporte teórico alguns dos conceitos que a educação terapêutica propõe. Por meio do processo de pesquisa objetiva-se explorar algumas das contribuições da psicanálise e alguns recursos da aprendizagem terapêutica para a construção do aluno-sujeito, indivíduo central de nossos estudos. Ressalta-se a importância do presente estudo a fim de acrescentar tais recursos para a constituição dos alunos com Entraves Estruturais. Durante a pesquisa foram realizadas seleção bibliográfica e documental, por meio de consulta de livros, dossiês, artigos, dissertações e teses que abordam o tema com questões e contribuições pertinentes para escolarização do estudante com entraves estruturais, que são o foco de análise do artigo em questão.

**Palavras-chave: Educação Terapêutica. Entraves estruturais. Aluno-sujeito. Comunicação Alternativa.**

O desenvolvimento da psicanálise aplicada à educação, já há algumas décadas têm construído interessantes olhares e práticas sobre o processo educativo, principalmente para os estudantes com entraves estruturais e psicose. Os recursos da aprendizagem terapêutica e educação terapêutica estão baseados em princípios norteadores importantíssimos para o tratamento das crianças com Entraves Estruturais (EE) em sua constituição, no qual o tratar e educar estão caminhando simultaneamente. De acordo com Pesaro *et al.* (2020) e Kupfer (1997), a educação terapêutica, pode-se dizer, sustenta três eixos norteadores: a inclusão escolar, o tratamento institucional e o educacional. A educação terapêutica é a junção dos princípios teórico-clínico e segue um conjunto de procedimentos terapêutico-educacionais, no intuito de contribuir para restabelecer ou para construção da estruturação psíquica de estudantes que apresentam falhas em seu processo de subjetivação, esses conjuntos de procedimentos são multidisciplinares, nos quais são ofertados para as crianças, famílias e professores.

Ainda de acordo com Pesaro *et al.* (2020), a educação terapêutica vem se construindo a partir do fazer aparecer o aluno-sujeito, educar-tratar, com possibilidades, com propostas metodológicas que possam contribuir com as práticas com os estudantes com EE. O aluno-sujeito é aquele que tem a dizer de si, não só falar de si. É importantíssimo ressaltar que o mesmo precisa ser escutado, ainda que algumas vezes seja complicada essa escuta, ele é também o sujeito que viveu e vive o processo de construção subjetiva.

No dossiê de Bernardino (2007), o sujeito precisa ser participante de seu contexto, com isso, a psicanálise poderá contribuir para identificar as barreiras das atividades escolares, levando em consideração as singularidades do sujeito. Kupfer (2010), aborda dentro desse contexto de aprendizagem em consonância à educação terapêutica seu fundamento principal de “sujeito do Inconsciente”, no contexto precisamos considerar as especificidades e entraves dos estudantes a partir da consideração, ajudá-lo em seu processo de aprendizagem.

Dentro dessa perspectiva, o ingresso de estudantes tem proporcionado as escolas a repensarem sobre as estruturas curriculares e ampliar os recursos pedagógicos. De acordo com Pesaro *et al.* (2020), a construção e uso dos recursos pedagógicos para aprendizagem terapêutica tem dois princípios: o direito do aluno em aprender e o ter acesso ao conhecimento.

No entanto, segundo Pesaro *et al.* (2020), a produção de um plano que considere as necessidades específicas do estudante, não pode ser confundido como plano individual,

pois a consideração da singularidade não pode ser associada à individualidade quando está se referindo a singularidade e o discurso no que se diz a respeito as especificidades próprias de cada um. Partindo desse ponto podemos levantar a discussão dos que são impossibilitados de falar oralmente.

De acordo com Schirmer (2012), a Comunicação Alternativa Aumentativa (CAA), é uma das modalidades da Tecnologia Assistiva que oferece suporte a pessoas sem fala ou escrita funcional. Anteriormente, temia-se que o uso da modalidade poderia interferir na aquisição da fala no futuro, visto que diminuiria as oportunidades. No entanto, hoje sabemos que isso não ocorre, pois os alunos que têm a oportunidade de usar a CAA e que tem condições intelectuais tornam-se falantes mais competentes.

Em consonância com Pesaro *et al.* (2020), antes tudo para o planejamento e ações que estejam de acordo com o aluno é preciso conhecê-lo e observá-lo, no intuito de saber suas particularidades como, por exemplo, como se comunica e suas preferências.

Os recursos são representados e descritos de acordo com Pesaro *et al.* (2020), em três grupos: o primeiro, os Recursos que flexibilizam a dicotomia entre o aluno com Entraves Estruturais e grupo-classe, o segundo, os Recursos que levam em consideração as dificuldades no laço social (no contato com os outros) do aluno com EE e, por último, o terceiro, Recursos direcionados para o aluno com EE.

Segundo Pesaro *et al.* (2020), é importante salientar que primeiro recurso é levantado dois “falsos” dilemas, nos quais são imprevisíveis as discussões da equipe escolar para planejamento das práticas de CAA e demais atividades. O primeiro falso é que o foco do professor para os estudantes não caracteriza o trabalho individual. O segundo falso é que o trabalho que leva em consideração a singularidade do estudante com EE pode desviar o educador do trabalho coletivo.

Para melhor entendimento das relações entre singular e coletivo e para não caímos na ideia de serem diferentes, duas advertências importantes são discutidas. A primeira foi levantada por Freud, de acordo com Pesaro *et al.* (2020), os laços desviados de seu objetivo original permitem que o sujeito possa se retirar de sua zona de narcisismo abrindo oportunidades do sentimento de coletividade, pois os grupos são formados por meio de laços identificatórios entre os que fazem parte dele. Dessa forma o coletivo é formado pelas singularidades nas relações.

A segunda foi discutida por Voltolini (2004), levantando a questão de que não é possível existir grupos onde todos possam estar incluídos. Essas advertências podem auxiliar os educadores sobre as configurações de grupo-classe, e que o mesmo não se

torna naturalmente ou de forma homogênea. Alguns recursos podem também auxiliar aos professores a lidar melhor em volta dessa tensão entre singularidade do estudante com EE e união com o grupo-classe.

De acordo com Shirmer (2012), CAA no espaço escolar é preciso levar em consideração a subjetividade de cada estudante, e no processo de comunicação é preciso uma variedade de recursos e estratégias, que chamamos de Sistema de Comunicação Alternativa (SCA), por esse motivo que cada usuário terá seu próprio SCA, diante disso, não é possível encontrá-los prontos. Ele deverá ser desenvolvido com o estudante, professor de sala comum e professor especialista em parceria com outros profissionais, e ser usado em todos os ambientes da unidade escolar e quando possível em casa também.

Podemos, de acordo Menezes (2011), utilizar com os alunos com deficiência a estratégia de painel de rotina, para auxiliá-los a compreensão dos acontecimentos e planejamentos das aulas programadas no dia. As estratégias de rotina escolar podem diminuir os episódios de alterações sensoriais e desorganização dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para uso de tal aporte pedagógico, vale ressaltar que é necessário o uso de imagens que fazem parte do cotidiano do estudante.

O segundo discutido na obra Pesaro *et al.* (2020), são os recursos que levam em consideração as dificuldades no laço social (no contato com os outros) do aluno com EE, nos traz norteadores de como podemos articular com o reconhecimento das produções dos estudantes com EE. Com SCA podemos fazer esse reconhecimento de suas produções e entendimento de seus sentimentos e angústias.

Para o planejamento do SCA, segundo Shimmer (2007), podemos seguir os elementos: escolha dos recursos, prancha álbum, vocalizador e editores de textos que podem ser com temáticas como materiais de sala de aula e alimentação, símbolos, como gestos, vocalização, sinais, fotos e imagens.

O uso da modalidade não tem o intuito de generalizar o estudante reduzindo-se ao seu laudo. Segundo Bernardino (2007, p. 54), “Cada pessoa tem uma história única; cada sintoma tem um sentido particular para cada um; cada doença, cada deficiência vai adquirir significação a partir do contexto em que se insere”, dessa forma, é primordial que os professores possam compreender que a linguagem vai além da fala e, além disso, possam entender quais são os sistemas de CAA que estão disponíveis, considerando a subjetividade dos estudantes com deficiência

Diante dos diferentes contextos, enfatiza-se a necessidade de discutir e reconhecer os recursos de Tecnologia Assistiva e CAA, assim como os Recursos da educação

Terapêutica para a educação das pessoas que precisam de adequações de suas rotinas escolares com o intuito de diminuir as barreiras da comunicação, favorecendo o trabalho cooperativo entre estudante, professor e amigos no processo educativo, baseando-se na importância do papel da comunicação nesse processo.

## REFERÊNCIAS

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. A contribuição da psicanálise para a atuação no campo da educação especial. **Estilos da clínica**, v. 12, n. 22, p. 48-67, 2007.

KUPFER, M. Cristina M. Educação terapêutica: o que a psicanálise pode pedir à educação. **Estilos da Clínica**, v. 2, n. 2, p. 53-61, 1997.

KUPFER, Maria Cristina Machado. O sujeito na psicanálise e na educação: bases para a educação terapêutica. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 1, 2010.

MENEZES, A. R. S. A inclusão de alunos com Autismo em escolas públicas de Angra dos Reis. In: NUNES, L. R. O. P; SUPLINO, M. WALTER, C. C. F. (Orgs) **Ensaio sobre Autismo e Deficiência Múltipla**. Marília: ABPEE; Marquezine & Manzini, 2013.

PESARO, Maria Eugênia *et al* (org.). **Práticas inclusivas II: desafios para o ensino e a aprendizagem do aluno-sujeito**. São Paulo: Escuta, 2020. 345 p.

SCHIRMER, C. R. **Metodologia Problematizadora na formação de graduandos de Pedagogia em Comunicação Alternativa**. 2012. 207f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SCHIRMER, C.; BERSCH, R. Comunicação Aumentativa e Alternativa–CAA. **Schirmer, C.; Browning, N.; Bersch, R. & Machado, R. Atendimento Educacional Especializado**. Brasília, Gráfica e Editora Cromos, p. 57-84, 2007.

VOLTOLINI, Rinaldo. Psicanálise e inclusão escolar: direito ou sintoma?. **Estilos da clínica**, v. 9, n. 16, p. 92-101, 2004.